

BULLYING E SUICÍDIO: um estudo do caso do suicídio de Diego

Zulmira Marques de Sousa Bezerra¹

Geórgia Maria Feitosa e Paiva²

Resumo

Este artigo objetivou analisar de que forma e até que ponto o *bullying* poderá influenciar o suicídio. Para isso, nos amparamos nos estudos de Durkheim (2000), Goffman (2002), Fairclough (2001) e Skinner (2003) para estabelecer esta relação. Além da discussão teórica, buscamos também analisar, por meio da análise de uma carta de suicídio, quais aspectos linguístico-discursivos podem evidenciar a ideação suicida e suas razões. Nossa análise demonstrou que o sujeito que tenta o suicídio, antes de cometer o ato, pode dar indícios, entre eles o sofrimento causado pelo *bullying*, que, se observados com atenção e empatia podem evitar a morte.

Palavras-chave: Suicídio. *Bullying*. Discurso. Ideação suicida.

Abstract

This article aimed to analyze how and to what extent bullying can influence suicide. For this, we rely on the studies of Durkheim (1897), Goffman (2002), Fairclough (2001), and Skinner (2003) to establish this relation. In addition, we examine a suicidal letter analysis and its own linguistic and discursive characteristics. Our analysis has shown that in the case of a suicidal attempt, before committing the act, a person can give indications, among them, social signals caused by bullying, if observed with attention and empathy could help to avoid death.

Keywords: Suicide. Bullying. Discourse. Suicidal ideation.

INTRODUÇÃO

Segundo relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) publicado em 2010, a cada 40 segundos há uma tentativa de suicídio no mundo. Muitos são os motivos que podem levar uma pessoa a tirar sua própria vida, mas, recentemente um fato específico tem chamado atenção: muitas pessoas que tentam ou cometem esses atos são estudantes do ensino fundamental e médio que vêm sofrendo *bullying* na escola.

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. E-mail: sousamarques39@gmail.com

² Doutora em Linguística e docente do Curso de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. E-mail: georgiafeitosa@unilab.edu.br

É o caso de Diego Gonzáles, garoto de 11 anos que se jogou do prédio onde morava com sua família na cidade de Madrid. Os pais precisaram usar a carta (escrita pelo garoto) para que o caso não viesse a ficar sem resposta da justiça, já que a escola afirmava que Diego não havia feito nenhuma queixa e foi negado pelos investigadores que tal ato suicida estaria associado ao *bullying*. É notável que em muitos casos as pessoas se mostrem indiferentes e concebam o *bullying* como uma “brincadeira de criança” acreditando que falar de suicídio é estar incentivando para este ato.

Ainda segundo a OMS, 90% dos casos de suicídio poderiam ser evitados se houvesse mais diálogo e mais atenção no que se refere aos pedidos de ajuda. Há casos que inexistem denúncias, uma vez que as únicas informações estariam em uma carta escrita pelo próprio suicida, como foi o caso de Diego Gonzáles, que deixou uma carta se despedindo da família.

Em estudo acerca deste tema, o sociólogo Émile Durkheim (2000) buscou, através de uma pesquisa quantitativa, descobrir o que levaria uma pessoa a suicidar-se, porém é notável que este fato social não pode ser reduzido a números, mas analisado individualmente levando em conta o contexto histórico do indivíduo envolvido. Assim, para Durkheim (2000), no suicídio egoísta a evolução levou ao individualismo, sendo assim, o indivíduo passou a se sentir solto perdendo o sentido da vida.

Para Fante (2005) é preciso atentar-se mais precisamente para a vida escolar destes adolescentes que sofrem *bullying*, tendo em vista que muitos não possuem uma idade mental totalmente concluída para lidar com esse tipo de agressão, o que pode levar a consequências irreparáveis. É preciso, portanto, enfatizar um aspecto não tratado: verificar de que forma professores e coordenadores de escola podem atuar para a prevenção e combate ao *bullying*. Além disso, não podemos esquecer que a ação caracterizada como *bullying* ocorre geralmente em público, ou seja, trata-se de uma violência que necessita de muitas pessoas assistindo e reforçando tal ato violento.

Nesse sentido, nosso objetivo geral neste estudo é analisar de que forma e até que ponto o *bullying* poderá influenciar o suicídio, entendendo assim, o que é suicídio ao revelar quais seus fatores desencadeadores. Além da discussão teórica sobre o tema, propusemos também analisar uma carta de suicídio de um adolescente vítima de *bullying*. Este trabalho contribuirá para que se entenda como uma carta pode conter indícios sobre determinado problema social.

Observamos que, apesar do *bullying* ser amplamente discutido pela literatura, especialmente nos últimos anos, parece haver uma lacuna nas investigações, pois elas

privilegiam estatísticas em detrimento dos apontamentos de aspectos que possam relacionar o ato violento a transtornos mentais e ao suicídio. Deste modo, esta investigação apresenta duas grandes contribuições: 1) ela traça este paralelo usando as fontes bibliográficas sobre o *bullying* e suicídio a partir da ênfase do suicídio como fato social, analisando-o não apenas em sua dimensão quantitativa, mas com base em uma observação próxima a realidade do suicida; e 2) ela faz uso do recurso linguístico para demonstrar esta relação através dos estudos da análise do discurso que englobam os aspectos sociais e ideológicos na materialidade linguística.

Diante disso, no primeiro tópico, apresentaremos uma discussão sobre o *bullying* e suas formas de violências. No segundo tópico, distinguiremos ideação suicida e suicídio, sendo que dentro deste último falaremos do discurso suicida e do comportamento desviante. Já no terceiro tópico, apresentaremos nossa metodologia. No quarto tópico, realizaremos um estudo de caso partindo do suicídio de Diego, para somente então lançarmos mão das considerações finais.

1. O bullying e seus personagens

Para Goffman (2002.p.11), a “informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar”. O autor explica que as relações sociais são como um palco em que somos atores e usamos máscaras para interpretar nosso papel nas variadas situações cotidianas.

Utilizando ainda a metáfora do palco, sabe-se que antes de um ator fazer uma apresentação ele tem que saber qual o tipo de público com o qual estabelecerá interação. Podemos concluir, então, que é por meio da dramatização que o ator obtém informações sobre seus interlocutores, e assim, consegue alcançar seus objetivos. É desse modo que funciona o *bullying*: o agressor observa e escolhe qual a pessoa mais vulnerável e assim usa de suas características físicas e emocionais para fazer sua “apresentação”.

A palavra *bullying* tem origem inglesa que vem de *bully*, que significa valentão. Essa expressão foi citada pela primeira vez pelo professor Dan Olweus, da Universidade de Noruega no fim da década de 1970, quando percebeu através de seus estudos, que os adolescentes suicidas na maioria das vezes tinham sofrido uma ameaça ou agressão física, portanto, nomeou como *bullying*. É muito comum que se confunda o *bullying* com o assédio moral, entretanto o assédio moral se diferencia principalmente pelo fato de ser mais “camuflado”, diferentemente do *bullying* que muitas vezes é assistido por muitas pessoas. Barbosa, *et al.* (2016, p. 203) afirma que,

“A maioria das vítimas desse fenômeno encontra-se em estado de pressão psicológica. É a partir dessa pressão sofrida que o adolescente se vê sem saída e a única maneira de poder aliviar este sofrimento seria tirando sua própria vida ou matando o causador de tudo isso. Para ser considerado bullying, a vítima tem que ter sofrido entre dois ou mais episódios consecutivos. A sequência desses episódios pode levar o indivíduo que sofre desse fenômeno a se estressar e não suportar mais tal pressão sofrida.”

Portanto, o indivíduo que sofre *bullying* encontra no suicídio uma forma de acabar com o causador disso, pois no seu modo de lidar com essa tortura termina por arrancar de si a esperança. Não é incomum ouvirmos de um adolescente que o suicídio seria apenas uma forma de acabar com sua vida “oficialmente”, pois de alguma maneira, já se sente morto, na verdade esse adolescente percebe-se sem esperança e preso a uma tortura sem fim.

Barbosa *et al.*, (2016, p.205) afirma também que o “bullying é um fenômeno que existe em todos os lugares. Até na nossa família podem existir casos relativos a tal comportamento. Os lugares mais afetados por esse fenômeno são escolas e as redes sociais”. Sendo assim, trata-se de um tema muito importante para ser estudado, já que ele é praticado encontrado em todos os lugares e causa grandes danos, principalmente em adolescentes.

O *bullying* é um tipo de violência física e psicológica, pois na maioria das vezes a vítima pode ser agredida fisicamente e humilhada. Para Barbosa *et al* (2016) esse problema inicia enquanto sendo uma espécie de brincadeira realizada por um ou mais agressores de forma insistente, de modo que o agredido é violentado, podendo ser afetado por problemas psicológicos.

No cenário de violência causada por *bullying* está, de um lado, o agressor e do outro, o agredido. Geralmente, o agredido é uma pessoa com baixa autoestima ou uma pessoa que não corresponde ao modelo apreciado pela sociedade. Sob a fragilidade do recalque, o sujeito torna-se uma vítima para o agressor, que tende a manipular a situação e o envolvimento da plateia. O agressor, por sua vez, tende a demandar pela apreciação pública e encontra na prática do *bullying* a atenção desejada, é por isso que na maioria dos casos, a plateia também torna-se um tipo de agressor já que enseja ou silencia diante desta violência. No caso do *Cyberbullying*, tal personagem participa de forma indireta, mas que não descaracteriza tal violência.

O sofrimento causado pelo *bullying* pode gerar no indivíduo uma confusão mental e ressentimentos tornando-o uma pessoa agressiva que afirme até a possibilidade em tirar a própria vida ou a vida de outros. Não são raros os casos de homicídio ou chacinas em escolas como forma de vingança de quem sofre ou sofreu *bullying*. Quando uma criança sofre *bullying* ela não entende o que está havendo e com o tempo ela passa a se culpar, sentindo-se feia e

inferior em relação às outras pessoas tornando-se um adulto inseguro e ansioso. Em geral, no tocante aos adolescentes, as pessoas que estão ao redor não se atentam para as mudanças de comportamento desses jovens, mesmo quando percebem que há algo de errado acabam achando que isso é fase de adolescente ou que ele ou ela está apenas querendo chamar atenção. Diante disso Santos (2012, p.1) nos diz que,

“Nesse cenário, para muitos educadores com um olhar descuidado, tudo isso pode parecer apenas “zueira”, “brincadeira” (palavras das nossas crianças e jovens), mas, para aqueles que sofrem bullying, isso é algo muito mais sério e, por vezes, trágico. Os motivos que levam a esse tipo de violência são extremamente variados e estão relacionados com as experiências que cada indivíduo tem em sua família e/ou comunidade”.

Por este motivo e outros, não podemos generalizar e comparar os casos, é preciso aproximar-se de cada realidade. Segundo Almeida, Silva e Campos *et. al* (2008) existem dois tipos de *bullying*, a forma direta e indireta. A forma direta: faz com que o agredido seja ameaçado, agredido fisicamente, tenha seus objetos roubados e pode também ser ofendido com apelidos pejorativos. A forma indireta: é quando a vítima é ofendida com boatos maldosos e quando o agressor faz com que a vítima sinta-se isolada, fazendo com que as pessoas ao redor não falem ou interajam com ela.

É preciso dar ênfase a outro fenômeno - a automutilação - que muitas vezes acontece quando um indivíduo se sente triste e busca outras formas de acabar com a dor, todavia, a automutilação pode ser uma porta de acesso para a tentativa de suicídio. A esse respeito Melo & Roso (2017, p.1) esclarecem,

“O comportamento automutilatório é um dos primeiros que podem ocorrer antes de uma tentativa de suicídio. É um dos poucos sinais que a gente tem em psicologia da adolescência que predizem que aquele jovem vai tentar o suicídio dentro de alguns meses. São jovens que sentem emoções desagradáveis, como frustração, tristeza, medo, raiva, não sabem lidar e acabam se cortando para aliviar essas emoções. No momento que o adolescente se corta, são liberados opioides no sangue, anestesiando a emoção ruim.”

Assim, faz-se necessária uma atenção especial no que se refere a este comportamento, no intuito de que as pessoas com esse distúrbio comportamental possam buscar ajuda de um psicólogo ou uma psiquiatra a fim de evitar uma possível tentativa de suicídio.

Quando falamos de suicídio e *bullying* logo nos lembramos dos mitos que aparecem sobre estes temas, um deles é que falar sobre isso poderá fazer com que estas pessoas se sintam mais motivadas a cometê-lo ou associar o bullying ao vitimíssimo e “que não era um problema na sua geração, defendemos que pensar assim é um grande erro”. É necessário salientar que

tanto o bullying quanto o próprio suicídio sempre existiram e não são um problema causado apenas pela modernidade.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) divulgou um relatório internacional em que mostra como estudantes que sofrem *bullying* possuíam um baixo rendimento escolar e que todos sofreriam com as consequências. Portanto, a necessidade do combate ao *bullying* poderá não somente salvar a vida, mas também evitar eventuais problemas no rendimento escolar.

2. Da ideia ao suicídio

A ideação suicida surge quando o indivíduo possui planos e desejos em tirar sua vida (BORGES & WERLANG, 2006). Em muitos casos, aqueles que possuem ideação suicida apenas planejam, mas não necessariamente estão dispostos a morrer, este planejamento ou a construção deste desejo pode atuar como uma espécie de conforto emocional.

O suicida, por sua vez, planeja e tenta o suicídio sempre que tem oportunidade. É evidente que tanto o suicida quanto alguém que possui ideação suicida possui semelhanças, entre elas estão o desejo e planos que os dois têm em comum - o comportamento de isolamento e a tristeza. Diante de tais semelhanças, é fundamental estarmos alertas, já que em alguns casos, o primeiro passo para o suicídio é a ideação suicida, e isso pode se desenvolver de maneira gradual. A existência de ideação suicida pode ser considerada como um importante fator de risco para o suicídio efetivo junto com a depressão e a desesperança (BORGES & WERLANG, 2006, p.346).

Durkheim (2000), partindo da Sociologia, foi um dos primeiros a pesquisar sobre o suicídio. Em suas análises positivistas buscou entender o suicídio através de pesquisas quantitativas. Para Durkheim (2000) existem três tipos de suicídio: anômico, altruísta, egoísta. O anômico é quando não há um bom funcionamento das instituições, havendo uma falta de regras assim criando-se uma espécie de vazio dentro do indivíduo; tipo altruísta é quando o amor por aquela sociedade cria uma coesão social fazendo com que as pessoas tirem sua própria vida por amor àquela nação, cidade ou religião; por fim, o suicídio egoísta, que acontece por conta de uma sociedade moderna em que o preenchimento de si tem sido o consumo.

Para Durkheim (2000) esta última forma de suicídio (egoísta) acontece quando não há uma coesão social havendo espaço apenas para o individualismo. É válido ressaltar que, embora o suicídio esteja relacionado a doenças psicológicas ou até mesmo a uma anomia social

(DURKHEIM, 2007), é preciso ir além dessas dimensões e construir um aparato investigativo que se aproxime da realidade de cada indivíduo.

Normalmente quando alguém comete um suicídio às pessoas que conheciam o suicida criticam afirmando que “são pessoas de mente fracas e que outras pessoas passam por coisas piores”. A nosso ver, tentar comparar quem sofre mais é um grande erro, pois não se sabe ao certo como e por quanto tempo àquela pessoa vinha sofrendo. Os danos causados pelo suicídio são inúmeros e é notável o quanto as pessoas costumam criticar sem saber a realidade de cada indivíduo, julgando sem conhecer as verdadeiras causas. Camus (2010, p. 19) nos alerta que

“Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois.”

São questões que precisam ser conhecidas pela sociedade em geral, pois só assim poderemos debater e posteriormente combater problemas como o suicídio. Trazemos aqui a afirmação de Sartre (2007, p.661) acerca da morte, diz o filósofo que “[...] a morte jamais é aquilo que dá à vida sentido: pelo contrário, é aquilo que, por princípio, suprime da vida toda significação”. Para ele o indivíduo está errando ao cometer suicídio, pois ao mesmo tempo em que o suicídio daria liberdade, tiraria todas as outras formas de liberdade que tal sujeito poderia ter no futuro.

Podemos dizer, então, que pessoas que sofrem diariamente por *bullying* se sentem presas, e, quando cometem suicídio não é para ter liberdade, mas para minar seu sofrimento. Quando Sartre (2007) afirma que a morte suprime toda a vida de seus significados, ele parece não levar em conta que a causa de uma pessoa tentar suicídio é justamente porque para ela já não há mais sentidos e muito menos significados, esta pessoa está no seu limite e busca qualquer forma de aliviar sua dor.

Segundo Calbo *et al.* (2009) é possível que muitos dos casos de homicídio ou até mesmo de suicídio sejam causados por conta do *bullying*. É importante enfatizar que estas pessoas, muitas vezes, carregam sequelas para sua vida adulta transformando-se em indivíduos com medo de falar em público e depressivos que passam de um estágio de ideação suicida para a tentativa de suicídio em si.

2.2. Características da ideação suicida: sinais de alerta

Em literaturas existentes sobre suicídio (GÓMEZ, 2002, p.274), identificaram-se vários fatores associados ao ato de pessoas que tiram a própria vida, como por exemplo: depressão

com ou sem ansiedade, abuso de substâncias, transtornos de ansiedade, história familiar e outras variáveis importantes como idade, sexo, estado civil, ocupação e saúde (saúde física, mental, entre outros). Segundo o referido autor, o suicídio pode estar interligado a vários outros fatores, entre eles as doenças psicológicas constituem um gatilho para a causa do suicídio.

Além dos distúrbios psicológicos inerentes ao indivíduo, devemos destacar aqueles que podem ser gerados a partir do processo de adequação e inserção social deste sujeito em grupos sociais, tais como grupos de trabalho, de escola, famílias, etc. A sensação de não pertencimento pode ser reforçada por atos de violência física e verbal, que, dependendo da situação podem configurar um *bullying*.

O *bullying* pode trazer uma série de consequências, entre elas está a depressão após o *bullying*, uma vez que, em alguns casos, a depressão pode continuar como sequelas do trauma. Em uma pesquisa conduzida pela Universidade de Oxford, os pesquisadores deram questionários para adolescentes de 13 anos e 18 anos de idade³. O estudo concluiu que dos 14% que sofriam *bullying* aos 13 anos apresentaram depressão aos 18. Entretanto é preciso também evidenciar que está depressão poderá contribuir para sequelas parciais ou outras podem chegar até a propriamente ao suicídio se não forem tomados os devidos cuidados com estes adolescentes.

Investigadores da *Warwick University*, no Reino Unido, e da *Duke University*, nos Estados Unidos da América publicaram na revista *Psychological Science* que adolescentes que sofrem *bullying* terão mais chances de desenvolver depressão e ansiedade na vida adulta. Entre os vários tipos de transtornos de ansiedade temos o Transtorno de ansiedade generalizada (TAG). Trata-se de um transtorno que faz a pessoa ter preocupações e tensões mais do que o normal, fazendo com que muitas vezes ela crie medos e preocupações excessivos que a impedem de realizar suas atividades diárias. Tais impedimentos ocorrem, por exemplo, quando se deixa de dormir para ficar pensando em “problemas sem saídas” criados pelo próprio indivíduo. Fazemos, no entanto, a ressalva de que é óbvio que todas as pessoas têm ou terão ansiedade em algum momento de sua vida, mas no que se refere à pessoas que sofrem de TAG, muitas vezes, estas podem parar de ter vida social, chorar excessivamente e até entrar em depressão.

³ Disponível em: < <https://www.minhavidade.com.br/saude/galerias/18628-um-terco-dos-casos-de-depressao-em-jovens-adultos-esta-ligado-a-bullying-na-adolescencia-aponta-estudo>>. Acessado em 10 de setembro 2018.

O *bullying* pode levar a tentativa de suicídio, que pode ser observada ainda no nível da ideiação por meio do comportamento social e linguístico do sujeito. Perceber os sinais de que algo está promovendo um sofrimento insuportável a alguém, isto é, prever uma possível atitude suicida é uma maneira de evitar aflições mais fortes e uma possível morte. Nas próximas seções, discorreremos sobre algumas características que podem ser categorizadas como gatilhos para a tentativa de suicídio.

2.2.1. O discurso suicida

Para a Linguística e as Ciências Sociais, o discurso é uma forma de linguagem escrita (texto) ou falada (conversação no seu contexto social, político ou cultural). A Antropologia e a Etnografia falam também de um evento de comunicação. A Filosofia, por sua vez, considera o discurso como sendo um sistema social de pensamento ou de ideias.

Por muito tempo, vários estudiosos acreditaram que o discurso não seria um objeto de estudo para os entendimentos das estruturas sociais. Entretanto, para Fairclough (2001), o discurso faz referência a uma prática social e não a algo produzido individualmente. Sendo assim, para este linguista, o discurso seria um modo das pessoas agirem sobre o mundo e sobre os outros. Para o autor, “A língua varia de acordo com a natureza da relação entre os participantes em interação, o tipo de evento social, os propósitos sociais das pessoas na interação” (FAIRCLOUGH, 2001, p.90).

Deste modo, o discurso seria moldado de acordo com o lugar, as pessoas e objetivos que elas possuem ao aderirem a uma interação, podendo ele se manifestar linguisticamente de forma direta ou indireta. O discurso estaria então operando em três segmentos: ideológico, social e linguístico. Segundo a abordagem discursiva a ideologia está integrada a sociedade, e nesse sentido, a linguagem pode ser vista como um instrumento para criação de ideologias na sociedade. A linguagem, portanto, pode ser comparada a uma arma, pois pode criar guerras e conflitos sociais, mas também ser usada para o cessamento de uma guerra ou fortalecimento representações identitárias de sujeitos.

A ênfase de Fairclough está em dizer que o estudo do discurso pode ser sim um meio para entendermos sobre nossos problemas sociais. Diferentemente de outros pesquisadores, o referido teórico percebeu que não se deve separar estudo da linguagem dos estudos das estruturas sociais, pois o discurso seria um instrumento de entender a significação do mundo diante dos significantes dados pela estrutura social.

Diante disso, percebemos que há um ato muito comum entre as pessoas que comentem suicídio: a carta suicida. Baseando-se no que Fairclough (2001) afirma - um discurso jamais seria sem intenções sendo ele moldado de acordo com o lugar e objetivo a ser traçado - é possível perceber os indícios que estariam na superfície do texto escrito e aqueles que podem ser inferidos a partir de um processo interpretativo.

Deste modo, podemos dizer que o suicida ou pessoa com ideação suicida procura, quando opta por escrever uma carta, narrar uma ou mais experiências, expor os motivos de sua decisão, desculpar-se e despedir-se. Trata-se de movimentos retóricos mais ou menos estáveis que buscam atestar ou registrar por escrito o ato suicida.

2.2.2. O comportamento

Para Skinner (2003), psicólogo norte-americano atuante da abordagem *behaviorista*, o comportamento é determinado, ou melhor, influenciado pelo ambiente, portanto é possível identificar dele, quais fatores são responsáveis por gerar um determinado comportamento, assim como manipulá-lo.

Apesar de sua abordagem ter sido considerada radical, especialmente se comparada a Psicologia Social, foi a partir dela que se iniciaram os estudos acerca do comportamento desviante e a influência do ambiente no desenvolvimento do desvio. Entendemos por desviantes os tipos de comportamentos considerados como errados em uma determinada sociedade e cultura. Sanches e Gouveia (2010) definem comportamento desviante como comportamentos que violam as normas legais.

Skinner (2003) traz a noção de que o comportamento é organizado. Assim sendo, as relações entre os pares e o ambiente podem estar interligadas com o comportamento desviante do indivíduo. É, então, fundamental entender que a família e os grupos sociais poderão influenciar diretamente ou indiretamente nas futuras escolhas do indivíduo, negativamente ou positivamente.

Em termos mais intrínsecos a subjetividade, o desvio também pode ser entendido a partir de um comportamento mais singular do próprio sujeito. Por exemplo, quando uma pessoa que era apegada a algo, e de repente, vai perdendo o interesse. De acordo com Macedo (2014, p.1) “a mudança de comportamento é o momento em que a gente se aproxima da pessoa para saber o que está acontecendo, porque quem sabe dividindo ela vai entender que é só uma fase”. É notável que entre os suicidas haja comportamentos que se repetem. Segundo Feijó e Oliveira (2001, p.130),

“muitos aspectos do comportamento do jovem apresentaram características em comum, tais como distúrbio do sono, de apetite, sentimentos de culpa e pessimismo, envolvimento com atos de violência, abuso de álcool e drogas ilícitas e diminuição da sociabilidade.”

Em um estudo clínico-epidemiológico, com uso do método de casos-controles aplicado a 100 jovens de 12 a 27, em que 50 teriam tentado suicídio, observou-se que jovens suicidas tinham em seus antecedentes mais casos de brigas e problemas com a polícia. (AVANCI & COL, 2005).

O suicídio, como já discutimos, é uma ação planejada cuja meta é chegar à morte. Segundo esse raciocínio, é possível que a falha de uma tentativa de morte leve o sujeito a tentar novamente até que ele consiga sanar seu sofrimento. Quando alguém comete uma tentativa de suicídio, fica mais vulnerável e pode acabar tentando outra vez, ao contrário do que as pessoas pensam, quem comete uma tentativa de suicídio e falha não fica com medo de cometer de novo.

Conforme Filho (2014, p.1) uma “tentativa de suicídio é o maior preceptor de nova tentativa e de suicídio”. Diante disso, é preciso ficar sempre em alerta quanto, por exemplo, a Alegria disfarçada - quando uma pessoa que estava triste, deprimida ou chorando o tempo todo, passa a demonstrar uma melhora rápida – que pode representar um alerta e uma forma de despedida que esta pessoa pode estar usando para seus últimos momentos serem vividos com as pessoas que ama, sem que elas percebam nada.

Para Dell’Aglío e Braga (2013) as motivações para o suicídio estariam ligadas a história de suicídio na família e presença de transtornos mentais. Entre tais transtornos destaca-se a depressão, que figura como um dos principais fatores para que o indivíduo comece a ter idealizações suicidas e, assim, inicie suas primeiras tentativas. Segundo Martins (2017) o indivíduo que possui depressão tem como um de seus sintomas, pensamentos frequentes sobre morte e suicídio.

Outro fator, segundo a mesma autora, é o transtorno bipolar, que “está associado a um maior risco de suicídio, especialmente nas fases de depressão e nos casos de troca rápida de humor. Caracteriza-se por alterações de humor que se manifestam como episódios depressivos” Martins (2017, p.1). Um terceiro transtorno mental seria a esquizofrenia que seria responsável por 10% dos suicídios. Teríamos, então, diversos transtornos que estão interligados ao suicídio, mas a depressão, o transtorno bipolar e a esquizofrenia são os mais frequentes.

Até onde se sabe, não existe na literatura uma investigação que aponte o *bullying* como o causador de tais transtornos, mas segundo Silva (2015) afirma que o *bullying* acentua

problemas já preexistentes, e pode levar um a quadros sérios de transtorno psicológico, como os citados por Martins (2017).

Diante disso, é importante refletir sobre como a sociedade e o poder público pode contribuir para integração social desses sujeitos, entendendo suas particularidades para que se possa realmente desenvolver políticas públicas que visem “a restrição ao acesso aos meios de cometer suicídio, a identificação e o tratamento precoce de pessoas que sofrem de transtornos psicológicos, especialmente depressão” (DELL’AGLIO & DEBORA, 2013, p.4.).

3. METODOLOGIA

Este estudo parte de uma pesquisa bibliográfica a respeito do Bullying e do suicídio, para em seguida, buscarmos analisar a relação entre esses dois temas em um caso específico. Para isso, realizamos um estudo de caso. Segundo Yin (2001), o estudo de caso, em sua essência, é a tentativa de iluminar uma decisão entendendo como foi imposta e quais seus resultados, portanto o entendimento do caso Diego Gonzáles é fundamental para compreender como o *bullying* pode ser um fator que leva ao suicídio.

Elegemos o caso de Diego Gonzáles, adolescente que cometeu suicídio ao se jogar do quinto andar do apartamento onde morava com seus pais. Escolhemos esse caso, por conta da presença da carta de despedida que nos fornece um forte indício de que o *bullying* levou o adolescente a tirar a sua própria vida. O caso de Diego chama atenção pelo fato de ele ter apenas 11 anos. O que nos levou a questionar o que teria levado um garoto tão jovem a tirar sua própria vida.

Nessa pesquisa, buscamos identificar na carta de Diego os indícios linguísticos que determinam a ideia suicida. Amparamos-nos na análise do discurso, mais especificamente em Fairclough (2001) para compreender os fatores que levaram o adolescente em questão a cometer suicídio.

4. ANÁLISE

Conforme vimos no tópico 2.2.1., a carta suicida é um gênero do discurso que permite que o sujeito despeça-se de seus amigos, parentes, entre outros. Trata-se de um gênero epistolar, pois vem da ordem do narrar e tem caráter extremamente pessoal. Nesta investigação analisamos, por meio do quadro tridimensional da análise do discurso proposta por Fairclough (2001), de que forma o *bullying* (apresentado textualmente) pode contribuir para o ato suicida.

Para isso, selecionamos a carta de Diego, um garoto que tirou sua vida ao se jogar do quinto andar em outubro de 2015 em Madri. Diego teria deixado uma carta para seus pais junto com seu coelho de pelúcia favorito e colocado um aviso na janela “olhe lucho” antes de se jogar. Os pais de Diego teriam publicado a carta do garoto como uma forma de denunciar e alertar outras pessoas acerca do suicídio, pois inicialmente nas investigações, teriam descartado o *bullying* como causa da morte. Entretanto, foram encontradas conversas em um grupo com 16 colegas de Diego sobre o *bullying* que o garoto sofreu um dia antes do suicídio as quais completava o que Diego quis dizer em sua carta “não quero ir mais escola”. Abaixo segue a carta:

*“Pai, mãe, esses 11 anos que eu estive com vocês foram muito bons e eu nunca vou esquecê-los como eu nunca vou esquecer vocês.
Pai, tu me ensinaste a ser boa pessoa e para cumprir as promessas, além disso, você jogou muito comigo.
Mãe, você cuidou muito de mim e me levou a muitos lugares.
Vocês dois são incríveis, mas juntos são os melhores pais do mundo.
Baba, você suportou muitas coisas para mim e pelo Pai, eu sou muito grato e te amo muito.
Vovô, você sempre foi muito generoso e se preocupou comigo. Eu te amo muito.
Lolo, você me ajudou muito com minha lição de casa e você me tratou bem.
Desejo-lhe sorte para que possa ver Eli.
Digo-vos isto porque não aguento mais ir ao colégio e não há outra maneira de não ir.
Lhes peço para não se separarem pai e mãe, só vendo vocês juntos felizes eu serei feliz.
Sentirei sua falta e espero que um dia possamos nos encontrar novamente no céu. Bem, vou dizer adeus para sempre.
Assinado Diego. Oh uma coisa, espero que você encontre trabalho muito em breve, Baba.
Diego González.”*

A carta⁴ possui 27 linhas, não possui um modelo tradicional da estrutura de uma carta, pois não está separada em parágrafos, entretanto há uma espécie de recuo da esquerda para direita depois da linha 17. O texto manuscrito está escrito em espanhol e foi traduzido para o português por alguns sites como uma forma de denúncia e alerta.

A carta de Diego pode ser considerada do gênero epistolar, pois embora tenha indícios de ser pessoal, possui um valor grande para o entendimento de um estudo de caso suicida. A carta inicia trazendo dois vocativos, modos pelos quais Diego se dirige a seus pais. O menino continua o texto mencionando como os anos que passaram juntos foram bons e seria para ele

⁴ A carta exposta neste artigo foi retirada do site *El mundo* em que aparece fotografada. Na imagem, observamos os aspectos manuscritos, tais como as margens e letras do adolescente. Para a tradução, contamos com suporte de tradutor de espanhol.

eternizado, logo em seguida, o garoto apresenta formas de tratamento específicas para dirigir-se de modo particular a cada um, como uma forma de testamento, expondo os agradecimentos pelo que cada um teria feito sua parte e, de certa forma, nenhum deles poderia sentir-se culpado pelo ocorrido.

É possível identificar no texto, na terceira linha, que o menino fala “Pai, tu me ensinaste a ser boa pessoa” e isso leva a crer que o menino teria feito referência as agressões sofridas sem que elas tenham sido revidadas por ele. Com isso, percebemos que a carta do adolescente Diego é elaborada como uma forma de testamento, em que sentimentos são declarados e distribuídos, por outro lado, Diego parece repetir a mensagem acerca do quanto seus pais contribuíram para que ele fosse feliz enquanto ele estava vivo.

Contudo, na linha 10 e 12 as frases “Desejo-lhe sorte para que possa ver Eli”, “Lhes peço para não se separarem pai e mãe”, o menino parece mostrar o seu desejo para com o futuro deles, como se fossem seus últimos pedidos. Também é notório observar, na mesma linha 12, a preocupação de Diego que parece prever que sua morte poderá afetar a vida de casal de seus pais.

Nota-se no texto, em apenas uma passagem, mais especificamente na linha 11, o momento em que Diego expressa abertamente a causa de sua decisão “não aguento mais ir ao colégio”. O adolescente parece colocar a escola como a única razão de sua decisão, sugerindo que o “colégio” estaria no centro do seu discurso suicida, assim ele continua a frase e termina a linha 11 com “não há outra maneira”. Tal frase indica que Diego não consegue ver solução para a violência que vinha sofrendo na escola e que não há alternativa a não ser morrer e mostrar aos seus pais de forma pequena e abreviada a justificativa para a sua tomada de sua decisão.

Frases como “quero sumir”, “não aguento mais”, “quero morrer” são frequentemente usadas por quem tem a pretensão de cometer o suicídio, são frases que devem ser levadas a sério, pois em muitos casos as pessoas que pensam em cometer suicídio falam no seu dia-dia, como uma forma de pedir ajuda para quem está a sua volta. Para Macedo (2014, p.1), isso pode ser um pedido de socorro de maneira a não chamar tanta atenção. No caso de Diego, a frase “não agüento mais” indica que o *bullying* sofrido pelo estudante não teve a atenção que merecia por parte da escola ou mesmo da família, que não soube como ajudá-lo.

Considerações Finais

Diego Gonzales de 11 anos foi um de muitos casos de suicídio, cujo *bullying* foi apontado como um dos principais fatores para essa decisão. Diego deixou uma carta de

despedida para sua família antes de saltar do prédio em que morava. Em uma das passagens da carta, o adolescente cita a única razão para sua decisão radical. Nela, ele não falou explicitamente quem são os seus agressores, todavia, a carta teve uma grande importância para que seus pais entendessem que Diego estava sofrendo *bullying* e como esta prática ofensiva foi a causa central de seu suicídio.

Neste artigo, buscamos analisar de que forma e até que ponto o *bullying* pode influenciar o suicídio entendendo o que é o suicídio e descobrindo quais seus fatores desencadeadores. Para isso, amparamo-nos em Durkheim (2000), Goffman (2002), Fairclough (2001), entre outros, para discutir acerca das relações entre suicídio, *bullying* e discurso.

Observamos que, embora Durkheim (2000) sustente que o suicídio seja um fato social e ligado aos problemas sociais, cada caso precisa ser devidamente analisado de forma peculiar. Seguindo essa lógica, um episódio de *bullying* poderia realmente ser entendido como uma apresentação de um artista no palco (GOFFMAN, 2002) em que o agressor precisa descobrir informações sobre a vítima para alcançar seu objetivo.

Foi possível perceber que a carta de Diego, enquanto um texto/discurso que é sempre direcionado a alguém, foi fundamental para que se entendesse mais sobre sua morte, demonstrando como a estrutura social estaria de certa forma, influenciando suas palavras. Quando o autor da carta menciona “não quero ir mais ao colégio” evidencia que o problema estaria nas suas relações sociais dentro da escola. Diego, ao longo de sua carta, mostra que os pares a sua volta não teriam culpa e isso deu suporte para que os pais entendessem que o problema não estaria acontecendo dentro de casa. Dessa forma, a estrutura social escolar foi central para que se pudesse entender que Diego sofria *bullying*.

Além de instigar o debate e a reflexão teórica, este trabalho pode alertar as pessoas sobre as violências do *bullying*. Nos mostra também que o fato de observarmos o *bullying* e não fazermos nada a respeito nos torna tão agressor quanto aqueles que batem e falam mal. O caso de Diego não é único e podemos achar diariamente vários casos parecidos em que as vítimas são diariamente constrangidas e pedem socorro, mesmo que de forma sutil.

A análise efetuada reafirma que o *bullying* poderá sim contribuir para o suicídio, como proposto no objetivo geral. A indiferença das pessoas próximas a Diego no ambiente escolar foi central para que este caso chegasse ao seu trágico desfecho. Não tendo se baseado em números este estudo trouxe um caso de uma vítima real em que o *bullying* influenciou na sua morte. Assim, este artigo pode contribuir para o entendimento dos pais, familiares e colegas de

escola acerca do *bullying* auxiliando na detecção de futuras ações trágicas, como a que Diego realizou.

Este trabalho poderá servir também de suporte para novas e futuras pesquisas. Por exemplo, no contexto do uso de redes sociais em que são criados grupos de pessoas que querem cometer suicídio por sofrerem *bullying* ou abuso social. Pode-se, por fim, desenvolver pesquisas que relacionam a automutilação com o *bullying*.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Kathanne Lopes; CAVALCANTE, Anamaria; SILVA, Jocileide Sales Campos. (2008), “Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura”. *Rev Pediatra*, n. 1, 9: 8-16.

ANAISONLINE. <<http://anaisonline.uems.br/index.php/semex/article/view/534>.> Acessado em 01/11 de 2017.

BORGES,V,WERLANG,B.

<file:///C:/Users/zulmira%20marques/Documents/artigos%20pra%20ler%20zuh/ideação%20suicida.pdf>> Acessado em 17/08 de 2018.

CAMUS, Albert. (2010), *O mito do Sísifo*. 1º ed. Local publicação. Best seller editor.

DE LIMA BRAGA, Luiza; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. (2013), “Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero”. *Contextos Clínicos*, 6,1:2-14.

Disponível:<<http://revistas.unisinus.br/index.php/contextosclinicos/article/view/3592>.>Acessado em : 10 de outubro de 2018.

DURKHEIM, Émile (2007), *As regras do método sociológico*. São paulo, 3º ed. Ltda Editora.

DURKHEIM, Émile. (2000), *Suicídio*. 1ª. ed. São paulo, Ltda Editora.

EL MUNDO. <

<http://www.elmundo.es/madrid/2016/01/20/569e912a46163fd02c8b460e.html>> Acessado em 10/10 de 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. (2001), *Discurso e mudança social*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

FANTE, Cleo. (2005), *Fenômeno bullying: como prevenir as violências nas escolas e educar para paz*. Local de publicação, Verus Editora.

FEIJÓ, Ricardo; AMARO-DE-OLIVERA, Ercio. (2001), “Comportamento de risco na adolescência”. *Jornal de pediatria*. 77,2:125-134.

GOFFMAN, Erving. (2002) *Representação do eu na vida cotidiana*. 10ª ed. São Paulo, Editora Vozes.

GOO. < <https://goo.gl/XLgM9q>>. Acessado em 25/10 de 2017.

IDONLINE. <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/501>> Acesso em: 30/10 de 2017.

LADO A. <https://revistaladoa.com.br/2016/09/noticias/caso-diego-menino-11-anos-que-se-matou-por-causa-bullying/>. Acessado em 11/10 de 2018.

GAUCHAZH. < <https://goo.gl/jpSQYo>> Acessado em: 20/10 de 2017.

MINHA VIDA. <<https://www.minhavidacom.br/saude/temas/transtorno-de-ansiedade-generalizada#comment-module>>. Acessado em 10/09 de 2018.

OBSERVATORIODOCUIDADO. <<https://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/36>>. Acessado em 05 de outubro de 2018.

OFICINA DE PSICOLOGIA. <<https://www.oficinadepsicologia.com/efeitos-do-bullying-na-idade-adulta/>> Acessado em 10/09 de 2018.

OMS < <https://goo.gl/8rsLo3>>. Acessado em: 27/10 de 2017.

PARA A LINGUAGEM. <<https://conceito.de/discurso>>. Acessado em 07/10 de 2018.

PSIC. <<http://www.psic.com.pt/e-preciso-falar-do-suicidio-8-sinais-de-alerta-de-comportamentos-suicidas/>> Acessado em 20/12 de 2017.

REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL. <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/health-education-in-brazil/sexuality-education-in-brazil/>>. Acessado em 10/10 de 2018.

REVISTA GALILEU. < <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2014/10/6-sinais-de-comportamento-suicida.html>> . Acessado em 10/10 de 2018.

SANCHES, Cristina; GOUVEIA-PEREIRA, Maria. (2010), “Julgamentos de justiça em contexto escolar e comportamentos desviantes na adolescência”. *Análise Psicológica*, 28,1:71-84.
SILVA, Ana.

(2015), *Mentes perigosas*. 2ª ed, Blobo.

SARTRE, Jean. (2007), *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 15ª ed, Vozes.

SCIELO. <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-74502002000400002> Acessado em 18/08 de 2018.

SAUDE DAS EMOÇÕES. < <https://ellenmartinspsico.wixsite.com/saudedasemocoas/single-post/transtornosmentaisportrasdosuicidio>> Acessado em 19/08 de 2018.

SKINNER, Burrhus. (2003), *Ciência e comportamento humano*. São Paulo, Martins Fontes.

YIN, Robert. (2015), *Estudo de casos planejamento e métodos*. 5ª ed. São Paulo, Bookmen.